

“PROCLAMAI SOBRE OS TELHADOS!”

Desde os seus albores, o cristianismo está às voltas com a comunicação. O Mestre Jesus apresentou-se como comunicador do Pai e seus discípulos espalharam-se pelo mundo para proclamar o evangelho do Reino de Deus. Uma leitura atenta dos evangelhos permite-nos detectar todos os componentes da comunicação: mensagem, destinatários, métodos, veículos, âmbitos, táticas, precauções, conseqüências etc. A narrativa evangélica está toda calcada na figura do Jesus-comunicador.

Os Atos dos Apóstolos descrevem o itinerário e os desafios da comunicação da Igreja no cumprimento de sua tarefa evangelizadora, a começar por Jerusalém, passando pela Judéia e pela Samaria, até atingir os confins da terra (At 1,8). O primeiro repto consistiu em comunicar o Reino a toda a oikoumene, com as categorias do pensamento helênico, porém, na fidelidade a seu substrato semita. As rotas comerciais e militares, terrestres e marítimas foram palmilhadas pelos missionários da Igreja de Antioquia – Paulo e Barnabé –, no seu afã de divulgar a mensagem da salvação. Paulo privilegiou a fala como veículo de comunicação. Entretanto, suas epístolas tornaram-se um instrumento importante de propagação do projeto de Jesus. Os evangelistas, por sua vez, elaboraram autênticas catequeses cristológicas, para comunicar às suas comunidades o evangelho da salvação e, assim, fortalecer-lhes a fé. Os demais escritos neotestamentários têm idêntica característica. A Tradição, pela qual chegaram até nós, constitui-se numa cadeia ininterrupta de comunicação dos escritos inspiradores da fé cristã e suas respectivas interpretações, em vista da evangelização.

A Igreja jamais se furtou à missão de comunicar a fé a todos os povos e por todos os meios. Os afrescos, esculturas, pinturas e até mesmo a arquitetura das antigas igrejas estavam a serviço da comunicação da fé. Seus elementos e detalhes enquadravam-se na didática e na pedagogia dos artistas no processo de comunicar, mesmo a pessoas simples e iletradas, pontos fundamentais da

doutrina cristã. As inúmeras universidades, escolas, rádios, gráficas, TVs, enquanto ligadas à Igreja, têm como missão estar a serviço da transmissão da fé. E só têm sentido enquanto cumprem, com fidelidade, essa missão. Uma das tarefas primordiais dos ministros da Igreja consiste em comunicar a Palavra de Deus, das mais variadas formas. A liturgia cristã comporta, também, uma vertente de comunicação. Sua roupagem exterior de ritos, conteúdos simbólicos e espaços comunicam o mistério cristão, constituindo a liturgia em autêntica mistagogia. Por conseguinte, a comunicação é parte constitutiva da Igreja. E todos os seus membros, de alguma forma, deveriam estar predispostos a serem comunicadores do Evangelho, em decorrência do seu batismo. É infundada qualquer incompatibilidade apriorística entre Igreja e comunicação, sob qualquer aspecto.

Contudo, com o advento dos modernos meios eletrônicos de comunicação, mormente, a televisão, surgiram questionamentos fundamentais. Vários elementos do mundo televisivo são preocupantes. Quem detém as grandes redes de TV, são grupos empresariais preocupados com o lucro. Nem sempre o ético se sobrepõe ao econômico. Por isso, carregam-se as tintas no erotismo, na violência, no apelativo, no chocante, no vulgar, como meio de aumentar a audiência. A invasão cultural promovida pela TV põe em risco as culturas locais, ao impor mentalidades, padrões de comportamento e de linguagem alienígenas.

Entretanto, a TV é um formidável meio de evangelização. Mas a Igreja não tem sabido manejá-lo de modo eficiente! A audiência das TVs católicas está, em larga escala, restrita a idosos e doentes. Não podendo deslocar-se até o templo, essas pessoas têm acesso à missa e a outras práticas de piedade pela TV. Sua linguagem carregada de pietismo, sua programação quase sempre limitada a temas interessantes, apenas, a um público de extração católica, sua falta de recursos técnicos e financeiros tornam-nas pouco atrativas para pessoas às voltas com problemas de fé e em busca de sentido para a vida. Em muitos lugares, as TVs comerciais abrem espaço para programas religiosos e a transmissão da missa dominical. E a Igreja não tem como ocupar bem este espaço! Faltam-lhe pessoas gabaritadas para produzir algo com bom nível técnico e, ao mesmo tempo, com conteúdo evangelizador. Em geral, confia-se na boa-vontade e na disponibilidade das pessoas, nem sempre preparadas para isso. O resultado não surpreende: o público telespectador acaba reduzido a pessoas confessadamente católicas, cuja fé não está em risco, necessitando apenas de um certo cultivo. Um desafio ulterior consiste numa espécie de autocensura, imposta a si mesmos pelos produtores destes programas, que não primam pela sensibilidade social e estão mais interessados em shows religiosos. Seria isto verdadeira evangelização?

As Igrejas evangélicas de história recente têm investido pesado em rádios e TVs. A Igreja Universal do Reino de Deus reina impávida neste universo, com o intuito de amealhar novos adeptos e de captar fundos. Prometendo a

solução mágica de todo e qualquer problema da humanidade sofredora e calcando-se numa hermenêutica bíblica fundamentalista, veicula uma programação religiosa de baixíssimo nível evangélico e intelectual. Pessoas preocupadas com a diminuição do rebanho católico, muitas vezes, lançam mão do mesmo instrumento de evangelização para fazer estancar a sangria de fiéis. Resultado: limitam-se à mesmice de imitar os “concorrentes”, tanto nos métodos quanto nos conteúdos. Outros televangelizadores católicos, com precária formação teológica, insistem numa pregação apocalíptico-escatológica, completamente irresponsável, disseminando medo e insegurança no coração de sua audiência. Encontrar um televangelizador capaz de aliar sólida e atualizada formação teológica com o dom de comunicar é uma raridade. Esta constatação vale tanto para o ambiente católico quanto para o evangélico.

São muitos os desafios da evangelização por meio da TV. Tudo começa com a necessidade de dominar a linguagem televisiva. Não basta uma câmera e um indivíduo falando sem parar para acontecer a evangelização. Também não basta aproveitar de qualquer jeito o tempo posto à disposição da Igreja. Para sanar esta carência, é urgente a formação de evangelizadores competentes – profissionais? –, capazes de dominar não apenas a arte televisiva, mas também possuidores de sólida formação humana, filosófica, teológica e com certa bagagem cultural. As TVs já estão repletas de gente falando sandices. Um programa que seja deveras evangelizador distingue-se tanto pela forma quanto pelo conteúdo.

Outro desafio consiste na coragem de fazer uma abordagem evangélica dos temas veiculados. Temas essenciais do evangelho foram banidos das programações religiosas das TVs, inclusive das católicas. Porque não têm audiência? Por medo de desagradar os donos das TVs? Por falta de consciência crítico-social dos produtores – evangelizadores – católicos? Por uma deficiente formação bíblico-teológica destes “ministros da Palavra”? Em todo caso, não basta evocar o nome de Jesus ou “falar de Deus”, apresentar-se em nome da Igreja e exibir símbolos religiosos, para determinado programa ser classificável como evangelizador. É preciso muito mais!

A evangelização televisiva, além de despertar uma adesão sólida ao Reino de Deus, proclamado por Jesus, consiste em criar senso crítico nos telespectadores, em busca da fé ou de seu aprofundamento. Confirmar preconceitos, promover fanatismos, insistir em expressões marginais da fé, propagar elementos anacrônicos da instituição eclesial e apresentá-los como algo indispensável, atribuindo a sua autoria ao próprio Jesus, nada tem de evangelização. O evangelizador respeita a consciência das pessoas e não a invade sem pudor, atropelando histórias e processos. A mensagem do Reino conserva sempre o caráter de proposição, com exigência de livre adesão. Ao tornar-se imposição, perde seu caráter evangélico.

Uma armadilha a ser evitada na evangelização televisiva é a tentação de recriar o evento cristão como fato virtual. A tecnologia oferece recursos

inimagináveis e o telespectador cristão está diante de um aparelho capaz de transportá-lo das profundezas dos oceanos ao espaço sideral, de permitir-lhe entrar nas favelas mais violentas e desumanas, de colocá-lo em contato, em tempo real, com catástrofes e calamidades, de aproximá-lo da humanidade sofredora e de despertar-lhe sentimentos de compaixão e solidariedade. Por isso, ele corre o risco de não sentir-se impelido a ir em busca da humanidade concreta. Restringe-se a seu mundinho, onde pode fazer toda sorte de experiências, dispensando-se de tocar a chaga real dos milhões de Lázarus espalhados pelo mundo, sem ter-se quem os socorra. A “fé virtual” carece de força salvadora! Portanto, o sucesso da televangelização consistirá em mover os telespectadores a formarem comunidades vivas – Igreja local – abertas à universalidade e a se engajarem na construção de uma sociedade compatível com o projeto de Jesus. Ou seja, a fazerem a passagem da contemplação televisivo-virtual para a ação histórico-real. Se isto não estiver na pauta de suas preocupações, tornar-se-á veículo de alienação religiosa, na contramão do evangelho.

No âmbito intra-elesial, o uso da TV, como meio de evangelização, suscita inquietação. Certas figuras mais ousadas, com acentuado carisma de comunicação, ao se projetarem nacionalmente, tornam-se uma espécie de “magistério paralelo” superdimensionado. Aliás, muitos católicos deixam-se convencer pelos televangelizadores e acolhem suas convocações com mais abertura de coração do que em relação a seus pastores mais próximos. Sentem-se mais ligados a uma “Igreja virtual”, articulada a partir de um estúdio de TV, do que a uma comunidade real. A inscrição no “Clube de Amigos da TV Católica” (ou equivalente!) com a respectiva contribuição regular para a sustentação da emissora funciona como o dízimo a ser oferecido numa comunidade real. E, assim, os fiéis têm à sua disposição – bastando apertar um botãozinho – os mais diferentes serviços religiosos. Por conseguinte, sentem-se dispensados de sair de casa para encontrar-se com irmãos e irmãs de “carne e osso”.

Coloca-se, também aqui, o problema do horizonte teológico-pastoral e ideológico dos detentores religiosos dos meios televisivos de evangelização. Com raras exceções, têm uma precária formação teológica e propagam uma teologia ultrapassada. Insistem numa fidelidade acrítica à instituição eclesial, exaltando-lhe, sem o devido senso crítico, aspectos irrelevantes e deixando na sombra seus componentes evangélicos. Censuram-se as expressões de uma Igreja comunitária, participativa, misericordiosa, comprometida com a criação de um mundo justo, fraterno e humano, uma Igreja “povo de Deus”, ecumênica, solidária com os empobrecidos e sofredores largados à própria sorte nos porões da humanidade. O desserviço deste tipo de televangelizadores à causa do Reino é imensurável!

As antenas parabólicas permitem a captação de sinais de TV em qualquer parte do território nacional. Com elas, chega a influência dos televangelizadores. A tendência mimética da nossa gente leva pessoas e grupos católicos, por toda

parte, a recriarem o contemplado na TV: orações, cantos, práticas litúrgicas (questionáveis!) e ideais religiosos. Repete-se, assim, no âmbito eclesial, o mesmo fenômeno detectável no âmbito social: a pasteurização e a descaracterização da vivência cristão-católica.

Em tempos recentes, a cibernética e a internet despontam como meios de evangelização, suscitando um novo rosário de desafios. O chamado ciberespaço é o areópago atual, onde os evangelizadores são instados a marcar presença. Em torno dele, articulou-se uma linguagem sofisticada, com siglas e termos em inglês, cuja semântica escapa à maioria dos usuários do computador e da internet. Como sói acontecer, o joio grassou no coração dos internautas e tem dado os mais perversos frutos, desde a propaganda da pedofilia e da pornografia até o incentivo à violência, passando pela ação dos hackers, o roubo de cartões de crédito, a divulgação de textos apócrifos etc. É o lado obscuro deste formidável recurso tecnológico! É sua face repulsiva a conviver com a face atrativa!

Entretanto, é inoportuno insistir no avesso de uma realidade a descortinar para os evangelizadores um mundo insuspeitável de possibilidades. Fala-se, hoje, de uma verdadeira Igreja online – Ciber-igreja, articulada na internet, e mil outras chances de evangelização. Cresce o número de quem usa a internet para fazer suas experiências religiosas básicas. Numa linha evangélica, a internet tem sido um canal excelente para fomentar a solidariedade; para mobilizar o mundo em torno de causas humanitárias; para alertar a sociedade para leis, urdidas nos bastidores do poder legislativo, em detrimento dos interesses do povo e da Nação. Nessa rede de solidariedade, os cristãos fazem coro com pessoas de todas as raças, origens, condição social, línguas e opções religiosas e ideológicas.

Outra vez coloca-se a questão da passagem da virtualidade para a realidade. O internauta cristão não pode limitar seu contato com os irmãos e irmãs de fé aos bate-papos nas salas de chats, nem restringir o seu mundo à tela do computador. Nela se estampa um sem-número de informações e imagens que lhe possibilitam interagir na prática do bem. Entretanto, a caridade virtual é insuficiente, sem o encontro com o próximo à beira do caminho, à espera de um gesto de misericórdia. Urge precaver-se contra a fascinação do ciberespaço. Ele é fabulosamente envolvente, a ponto de o internauta cristão ser tentado a dar-se por satisfeito, apenas, por ter digitado uma tecla ou clicado um ícone que lhe permitem acessar determinados portais religiosos. Ledo engano! É o canto envolvente da sereia, a ludibriar o incauto marinheiro para lançá-lo nos abismos tenebrosos da morte. A fé cristã verdadeira expressa-se numa comunidade de fé. A internet não pode ocupar a função da comunidade.

Dirigindo o olhar para o futuro, é possível antever o aumento progressivo do número de “cristãos” (?) sem nenhum contato com uma comunidade de fé, satisfeitos com suas contínuas visitas às ciber-igrejas. Neste cristianismo

desencarnado, o cristão pode ter tantas identidades quantas lhe convierem, pois se apresenta com um nome codificado, jamais revelando a sua real identidade, ou seja, “o seu nome de batismo!” Quem viver, verá! No momento, muitos internautas cristãos participam, de maneira ativa, de suas comunidades de fé e o ciberespaço é utilizado como complemento, na linha da pesquisa e da informação. No entanto, é possível descortinar por onde as coisas podem caminhar.

Os internautas cristãos são confrontados com o desafio de discernir a natureza e a função das interações possibilitadas pelo ciberespaço para descobrir seu potencial, tendo em vista a evangelização e a defesa dos valores evangélicos. Eles resolvem seus problemas – inclusive os de ordem existencial e religiosa – servindo-se do computador. O padre – pastor – teólogo real nada conta. Importa, sim, quem inseriu na sua home-page orientações consideradas úteis para quem as acessou. Esta figura desconhecida e, às vezes, anônima “faz a cabeça” de um número inimaginável de pessoas, em qualquer parte do mundo. De fato, a internet funciona como uma imensa livraria eclesiástica, ponto de referência para internautas em busca de (in)formação religiosa e espiritual. Muitos estão preocupados em aprofundar a própria fé, outros interessam-se por dados a respeito de outras igrejas e religiões ou pedem orações via e-mail ou escutam músicas religiosas ou, até mesmo, fazem direção espiritual e “encomendam” missas “pagas” no cartão de crédito. Chegou-se ao ponto de se perguntar se é possível celebrar o sacramento da reconciliação via internet! Houve mesmo quem elaborasse um software para a confissão dos pecados. O usuário clica numa lista de pecados, digita o número de vezes que os cometeu e, no final, recebe a sua penitência. Este procedimento evoca os Livros Penitenciais do começo da Idade Média.

Neste reino da pluralidade, o internauta cristão deve ter suficiente formação para reconhecer os elementos compatíveis e os incompatíveis com a fé cristã. Seria desastroso para a sua fé se “consumisse”, de maneira impensada, quanto encontrasse pela frente.

A internet deu origem a “internautas pastores”, pessoas preocupadas em disponibilizar on line orientações religiosas, dos mais variados tipos, visando a um público virtual. Defrontamo-nos, mais uma vez, com o problema de sempre. Trata-se de conhecer, por dentro, a parafernália cibernética que é apenas um aspecto da capacitação para este ministério, a ser complementada com uma sólida formação teológica. Supõe-se nos “internautas pastores” uma retidão de caráter a toda prova. Caso contrário, o anonimato lhes abrirá caminho para a irresponsabilidade e a perversão.

Em suma, não se pode negar a capacidade da internet de comunicar informação religiosa e cristã. Questionável é a sua condição de instrumento de evangelização. Se o internauta “cristão” não passa da tela do computador para o engajamento histórico – na comunidade cristã e na sociedade – ter-se-á transformado em adorador de um ídolo sem força de salvação.

A TV e a internet, porém, não destronaram um meio de evangelização antigo e eficiente: o rádio. Um passeio despreocupado, a qualquer hora do dia ou da noite, pelo dial de um aparelho de rádio é suficiente para mostrar a forte presença das Igrejas cristãs neste veículo de comunicação. O rádio tem suas vantagens. Pode ser ouvido em qualquer lugar e a qualquer hora. Existem aparelhos portáteis cada vez menores. Não supõe do comunicador uma exposição de sua imagem física, como na TV, e quase não exige truques e artimanhas.

A rede de rádios católicas, espalhadas pelo Brasil, tem um potencial considerável. Certo bispo repete ser a sua catedral a rádio da diocese, tal é o poder de penetração no seio da comunidade católica e a eficácia deste meio na comunicação com seus fiéis. Em sua grande maioria, as rádios católicas pertencem a dioceses ou a congregações religiosas. Nos últimos anos, surgiram e se difundiram, em larga escala, as rádios comunitárias. Elas se constituem num púlpito privilegiado a ser melhor utilizado pela Igreja na sua tarefa evangelizadora.

A sobrevivência de muitas rádios católicas depende dos comerciais. Em muitas circunstâncias, são propagandas de órgãos de governo e de suas realizações. Esta faca de dois gumes, com certa frequência, amordaça a voz da Igreja e a impede de denunciar a corrupção dos políticos, os desmandos de oligarquias regionais, os interesses de grupos e famílias e os abusos de poder. Estas forças obscuras, contra as quais é preciso precaver-se, tornam inócuo esse veículo de evangelização, em termos de serviço ao Reino.

Entretanto, a questão mais séria consiste na carência de produtores de programas religiosos radiofônicos de qualidade. Muitas rádios católicas em nada se distinguem das outras rádios comerciais, a não ser pela inserção, aqui e acolá, de algumas coisas de colorido religioso, sem muita consistência. No mais, sua grade de programação está recheada de músicas da moda (às vezes, calcadas num linguajar ambíguo e vulgar!) e de sucessos do momento, de programas popularescos e inseqüentes, de transmissões esportivas e de noticiários pouco estimuladores da reflexão. Falta-lhes uma clara linha editorial evangélica! A arregimentação de teólogos, catequistas e pastoralistas, em parceria com bons comunicadores, poderia ser um caminho para superar esta deficiência crônica das rádios católicas. No passado, na Arquidiocese de São Paulo, a Rádio 9 de Julho teve um papel importante no enfrentamento da ditadura militar. Através de suas ondas, o pastor D. Paulo Evaristo Arns denunciava, com ardor profético, os desmandos da repressão. Os militares "atingidos" cassaram-lhe a concessão do direito de transmissão. Nesta quadra obscura de nossa história, os mimeógrafos a álcool das paróquias católicas foram transformados num meio de comunicação muito importante para burlar o rígido controle, imposto pela censura do regime.

Hoje, as rádios comunitárias têm cumprido uma missão importante no processo de evangelização. Sua instalação é facilitada por não exigirem aparelha-

gem sofisticada e poderem ser montadas em espaços exíguos. Seu âmbito de abrangência é bem delimitado, permitindo, assim, estabelecer um contato de grande proximidade com os ouvintes. Contudo, não está solucionado o problema supra aludido, qual seja, a preparação de evangelizadores adestrados para o manejo deste instrumento de evangelização e preparados para comunicar uma mensagem relevante.

Quando Jesus confiou aos apóstolos a tarefa de “proclamar por cima dos telhados” (Mt 10,27) a mensagem recebida em segredo, deu-lhes todas as orientações práticas da comunicação evangelizadora. O meio era a voz: sem microfones sofisticados e aparelhagem high tech. O lugar era o teto plano das casas baixinhas, lugar privilegiado para atingir o maior número possível de pessoas. O critério da máxima abrangência deve ser levado em conta, quando se trata da evangelização. Quanto mais pessoas puderem ser interpeladas pela Palavra, melhor. O conteúdo da evangelização consistiria nas instruções do Mestre a respeito do Reino. Este, enquanto senhorio de Deus, irrompe na história da humanidade como libertação da escravidão e da opressão, como reconstrução da dignidade humana, aviltada pela maldade e pela injustiça, como anúncio de uma nova sociedade, alicerçada na justiça, na solidariedade, na superação dos preconceitos, na construção da paz e na busca da igualdade. O ministério de Jesus consistiu não apenas no anúncio do Reino, mas também na construção do Reino esperado, através de seus gestos poderosos em favor dos pobres, dos pecadores e dos marginalizados. A ordem do Mestre apontava para a dinâmica da evangelização de todos os tempos. Portanto, não tem cabimento uma demonização da mídia!

Hoje, quando dispomos de meios sofisticados para anunciar a Palavra, não podemos olvidar o enfoque profético a ser dado à evangelização, por indicação do mestre Jesus. Caso contrário, a evangelização não passará de mero palrear vazio, adaptado ao gosto dos ouvintes. Jamais será comunicação da Palavra a tocar fundo no coração humano, forte o bastante para convertê-lo dos ídolos ao Deus vivo e verdadeiro.